

DEIJAIR FERREIRA DA SILVA

A FUTURIDADE NO PORTUGUÊS RURAL NEGRO-BRASILEIRO

uma viagem sociolinguística



**A FUTURIDADE NO
PORTUGUÊS RURAL
NEGRO-BRASILEIRO**



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho
Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Ávila
Vice-Reitor



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Diretora

Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares

Alan da Silva Sampaio
Darcy Ribeiro de Castro
Elizeu Clementino de Souza
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel
Hugo Saba Pereira Cardoso
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Luiz Carlos dos Santos
Maria das Graças de Andrade Leal
Obdália Santana Ferraz Silva
Reginaldo Conceição Cerqueira
Rosemary Lapa de Oliveira
Rudval Souza da Silva
Simone Leal Souza Coité
Valquíria Claudete Machado Borba

Suplentes

Agripino Souza Coelho Neto
Célia Tanajura Machado
Eduardo José Santos Borges
Isaura Santana Fontes
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Marcos Antonio Vanderlei
Marcos Aurélio dos Santos Souza
Marcos Bispo dos Santos
Marilde Queiroz Guedes
Maristela Casé Costa Cunha
Marluce Alves dos Santos
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Mônica Beltrame
Nilson Roberto da Silva Gimenes

DEIJAIR FERREIRA DA SILVA

**A FUTURIDADE NO
PORTUGUÊS RURAL
NEGRO-BRASILEIRO**
uma viagem sociolinguística

Salvador
EDUNEB
2020

© 2020 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.
Impresso no Brasil em 2020.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Capa e Diagramação

Rodrigo Caiobi Yamashita

Revisão Textual e Normalização

Douglas Matos | Tikinet

Revisão Textual de Prova

Denise Dias de Carvalho Sousa

Revisão de Diagramação de Provas

Serafim da Silva Nossa Júnior

Imagem de Capa

Shawn Calvert e Priit Kallas | FreeImages (textura e pregadores)

Rawpixel | Freepik (corda)

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Silva, Deijair Ferreira da

A futuridade no português rural negro-brasileiro: uma viagem sociolinguística/
Deijair Ferreira da Silva. – Salvador: EDUNEB, 2020.

176 p.: il.

ISBN 978-65-88211-18-2

1. Língua portuguesa - Regionalismo. 2. Português negro-brasileiro.
3. Sociolinguística.

CDD: 469.8

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
portal.uneb.br



AGRADECIMENTOS

Para a realização desta obra muitas pessoas contribuíram, de maneiras diversas. Por isso, expresso meus sinceros agradecimentos aos professores, orientadores e amigos que me ofereceram saberes diferentes e decisivos para a escritura desta obra.

Com eles, aprendi que a língua portuguesa tem sabor. E, até aqui, o sabor da variação continuou em meu paladar. E saboreando as questões da língua, ao longo da pesquisa realizada, obtive mais conhecimento concernente à variação linguística.

Agradecimentos especiais também aos moradores de Helvécia e de Cinzento, estado da Bahia, Brasil, por terem me ofertado suas *falas* e pela eterna generosidade.

Para além de agradecimentos, dedico esta obra às minhas duas mães: a que me ensinou as primeiras l-e-t-r-a-s, e a minha avó, que tentou semear em mim a humildade e a generosidade, um verdadeiro exemplo de amor e de mulher.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO: A VIAGEM RUMO AO FUTURO	15
UMA VIAGEM DO PASSADO AO <i>FUTURO</i> COM OUTRAS POSSIBILIDADES DE FUTURIDADE	23
O TEMPO <i>FUTURO</i> : ORIGENS E FORMAS DE REALIZAÇÃO	24
O USO DO PRESENTE COM VALOR DE FUTURO DO PRESENTE	40
PERÍFRASE VERBAL: CONCEITO, FORMAÇÃO E SIMPLIFICAÇÃO	43
A PERÍFRASE CONSTITUÍDA DE <i>IR</i> + INFINITIVO	53
ABRINDO CAMINHOS TEÓRICOS PARA ANÁLISES DOS DADOS	61
A TEORIA DA VARIAÇÃO	62
O PROGRAMA VARBRUL	65
O PROCESSO DE TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR (TLI)	66
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DERIVA	70
O SISTEMA DE PARTÍCULAS DE TEMPO, MODO E ASPECTO EM LÍNGUAS CRIOULAS: UMA VISÃO GERAL NOS TEMPOS <i>PRESENTE</i> E <i>FUTURO</i>	72
UM PASSEIO NOS CAMINHOS METODOLÓGICOS RUMO ÀS DESCOBERTAS DO FUTURO	81

PELOS CAMINHOS DAS COMUNIDADES DO FUTURO: PRESSUPOSTO TEÓRICO E INFORMAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE HELVÉCIA E DE CINZENTO	81
OS <i>CORPORA</i> : DEFINIÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRAGEM, ETAPAS DA PESQUISA E O TRATAMENTO QUANTITATIVO PELO SUPORTE VARBRUL	88
AS VARIÁVEIS	92
AS DESCOBERTAS E AS ANÁLISES DA VIAGEM AO FUTURO: APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	119
APRESENTAÇÃO GERAL DOS RESULTADOS, OS GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS E OS NÃO SELECIONADOS E SUAS ANÁLISES	119
CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS PASSEIOS, DAS DESCOBERTAS E DAS ANÁLISES	161
REFERÊNCIAS	170

INTRODUÇÃO: A VIAGEM RUMO AO FUTURO

A investigação científica sistemática e abundante sobre um tempo verbal específico (o futuro), desenvolvida em dissertação de mestrado, impulsionou a criação deste livro, que objetiva apresentar um estudo no sistema verbal do português, com foco no uso do tempo *futuro* no dialeto rural do português negro-brasileiro sob os moldes da variação linguística.

Para tanto, é necessário conhecer alguns processos históricos de constituição do português do Brasil e da própria formação do futuro e, na medida do possível, saber o que estudos e pesquisas dizem sobre as características das estruturas gramaticais desse tempo no modelo normativo e em dialetos rurais, em comunidades negro-brasileiras.

De início, cabe uma explicação para a escolha da terminologia “negro-brasileira”. Foi extraída de Sodré (2019), uma obra que apresenta a singularidade da história e cultura negras, cujo autor trata do conceito de cultura criado a partir da perspectiva social negro-brasileira, oferecendo, com isso, elemento necessário para se construir uma filosofia de raiz, criada na própria terra.

A implicação disso para o estudo aqui proposto pode ser justificada nas palavras de Silva (2003, p. 7) quando diz que discutir a diversidade linguística brasileira, especialmente a relacionada aos dialetos de comunidades afro-brasileiras, contribui para a construção da história de um povo, cuja voz não se fez ouvida por muitos

séculos “[...] e cujos valores culturais foram relegados a um nível inferior à cultura branca europeia.”

Com o objetivo de investigar o uso da perífrase marcadora de futuridade com verbo *ir* + infinitivo – “eu *vou trabalhar* amanhã” – e da forma do presente (com ou sem advérbio) – “eu *trabalho* amanhã” –, formularam-se perguntas que direcionaram o estudo:

- 1) os dialetos rurais fazem uso da forma sintética do futuro, da forma perífrástica ou da forma do presente (com ou sem advérbio) para marcar futuridade? Os exemplos seguintes, respectivamente, ilustram as três estratégias:
 - i. João *cantará* no baile.
futuro do presente
 - ii. João *vai cantar* no baile.
perífrase verbal
 - iii. João *canta* amanhã no baile.
presente com valor de futuro
- 2) Qual das formas verbais é mais frequente no português rural para marcar o futuro: o futuro sintético, o futuro perífrástico ou a forma do presente?
- 3) Há diferenças semânticas na realização de uma ou de outra forma?
- 4) Há contextos que possam mostrar a preferência de uma forma pela outra?

Foram analisadas amostras de fala das localidades de Helvécia e de Cinzento, comunidades de fala rurais pertencentes, respectivamente, aos municípios de Nova Viçosa e Planalto, do estado da Bahia. Optou-se por essas comunidades por serem constituídas de pessoas sem a cor da pele branca, por terem sido mantidas em



isolamento geográfico, social e cultural por muito tempo, e por seus dialetos resultarem, na sua formação, de um contato direto entre a língua portuguesa, as línguas africanas e as línguas indígenas. Esses critérios na escolha das comunidades se justificam considerando o intuito desta pesquisa de testar a hipótese da Transmissão Linguística Irregular (TLI).

Nesses dialetos, observa-se o uso das construções perifrásticas, seguido do uso do presente para expressar o evento futuro, em detrimento da forma flexionada simples (“eu *trabalharei* amanhã”). As variações foram observadas por meio de um recorte sincrônico, adotando-se a metodologia de análise linguística do modelo teórico-metodológico laboviano da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1994, 2008; WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968, 2006).

Além das diretrizes metodológicas do parâmetro laboviano, em que estão inclusos procedimentos como gravação, transcrição, seleção/procura e sistematização de dados (falando de forma bem genérica), foi usado um outro aparato: o VARBRUL (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988), programa computacional que oferece resultados estatísticos, com a competência de descrever e interpretar qualitativamente os dados baseados em regras e interpretações próprias, analisados sob o olhar variacionista.

Nesse raciocínio, o tratamento dos dados é dependente das chamadas “rodadas” do VARBRUL, em que são tecidas análises qualitativas a partir das percentagens e pesos relativos oriundos de informações estatísticas, com a elaboração de tabelas e quadros.

Sabe-se que muitos dos estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil têm como objeto os dialetos urbanos. Entretanto, apesar de poucos, mas relevantes, os trabalhos sobre o português rural brasileiro têm revelado fatos importantes para o conhecimento dos dialetos brasileiros em geral (AMARAL, 1920; ARAÚJO, 2015, 2017; BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 1998, 1999a, 1999b, 2000,

2001; MARROQUIM, 1934; MELO, 1946; QUEIROZ, 1998; SILVA, 2003; VEADO, 1982).

Assim, apresenta-se um estudo das formas variantes da expressão de futuro em duas populações negro-brasileiras. Trata-se de um fenômeno de variação linguística em Português Brasileiro (PB) o fato de os falantes se expressarem pelas três maneiras diferentes, já mencionadas anteriormente, para se referir ao evento futuro.

Tendo-se em mente que a língua está sempre sujeita a variações e, conseqüentemente, mudanças, as informações constantes neste livro mostram as formas simples e perifrásticas de expressão de futuro existentes nos dialetos rurais de Helvécia e Cinzento como fenômeno de variação, operando no nível morfossintático e semântico. Além disso, busca-se entender se se trata apenas de variação estável ou se os dialetos apresentam características de mudança em curso.

No sistema verbal da língua portuguesa, vários são os tempos que estão sofrendo alterações, sendo substituídos por outras formas semânticas e/ou verbais, configurando-lhes diferentes nuances aspectuais, modais ou temporais. É o caso, por exemplo, do uso do pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito (“se eu fosse você não *fazia* isso” em substituição a “se eu fosse você não *faria* isso”), entre outros.

A observação da fala brasileira indica que o tempo futuro está passando também por alterações, sobretudo na escolha entre formas simples e perifrásticas. Com o propósito de analisar os fatores condicionadores, sistematizam-se as variantes linguísticas usadas pelas duas comunidades para expressar o evento futuro.

A ideia que segue foi exposta por Lucchesi em uma comunicação presencial. Ele diz que o uso do presente para expressar futuro é a forma não marcada, mais antiga e mais crioulizante, enquanto a perífrase marcadora de futuridade é a forma



“inovadora”,¹ adquirida por influência externa. Para esta análise, foram consideradas as concepções desse autor, de modo que a forma do presente é analisada como a não marcada, e a forma perifrástica, a marcada.

O tempo presente pode ser considerado, além de menos marcado, o mais universal para marcar o futuro, encontrado na língua latina, em crioulos e na história da língua portuguesa, assim como nas línguas humanas em geral. Assim, pode ser visto como uma forma historicamente estabelecida para a indicação do futuro em qualquer língua, ocorrendo como uma das alternativas ao lado do futuro sintético e/ou analítico. A perífrase vai ser tratada como a forma que substitui o futuro sintético – a inovadora, no que diz respeito à história dos dialetos rurais, considerada também uma estratégia de expressar futuridade, sendo aceita em toda as normas da língua (assim como o presente) –, e o futuro sintético como a estratégia padrão, visto sob o enfoque da gramatical tradicional.

As tendências que se evidenciaram durante o estudo seguiram dois caminhos: um que leva à hipótese da deriva e outro que leva à hipótese da TLI, apesar de também existirem as teses da criouliização e semicriouliização. Durante todo o trabalho, as hipóteses ora se direcionam a favor da deriva, ora a favor da TLI.

Sobre a deriva, desenvolveu-se o seguinte raciocínio:

- 1) as formas perifrásticas marcadoras de futuridade, bem como o uso de formas do presente em contextos de futuro, têm origens muito distantes no passado – desde o latim, iniciadas no uso oral, sendo estendidas ao português arcaico e preservadas no português contemporâneo, além de em outras línguas românicas;

¹ A palavra “inovadora”, em sua primeira aparição, fica entre aspas porque, na verdade, a perífrase não é uma inovação do português contemporâneo, uma vez que já ocorria há séculos. As outras aparições do termo ficarão sem aspas.

- 2) há evidências nítidas de um desuso do futuro do presente na língua falada brasileira em dialetos urbanos, com sua subsequente substituição pela forma perifrástica (ou por outras formas para marcar futuridade), continuando, portanto, uma característica historicamente prefigurada;
- 3) então, pode-se inferir: se o dialeto rural, embora seja considerado mais conservador, também acompanha essa evolução da língua, é possível que os falantes das comunidades rurais de Helvécia e Cinzento realizem mais as formas da perífrase do que a forma sintética do futuro.

Para a TLI, formulou-se um outro pensamento:

- 1) a aquisição de uma língua em situação de contato direto entre línguas resulta em eliminação e/ou redução de morfemas flexionais. Tal fenômeno é geral na formação de línguas pidgins/crioulas, que apresentam uma tendência à eliminação de afixos flexionais da morfologia verbal. As relações temporais/aspectuais são definidas por formas verbais não marcadas + advérbios ou por estruturas semelhantes a perífrases: partícula de origem verbal ou adverbial + verbo;
- 2) as comunidades de Helvécia e Cinzento, por terem passado pelo processo da TLI,² resultante do contato entre diferentes línguas, também devem ter eliminado os afixos flexionais de morfologia verbal, incluídos aí os do futuro sintético; com isso, devem ter adotado outras estratégias para marcar a futuridade;
- 3) assim, pode-se inferir: se as comunidades que se mantiveram isoladas por muito tempo passaram pelo processo de TLI, é possível que os falantes mais velhos conservem em seus dialetos rurais traços mais conservadores e não

² Para saber sobre esse processo em Helvécia, cf. Baxter e Lucchesi (1997), Lucchesi (1998, 1999a, 1999b, 2000, 2001); e em Cinzento, cf. Silva (2003).



empreguem a forma do futuro sintético, preferindo formas menos marcadas morfológicamente.

Este livro está estruturado em quatro seções. Na primeira seção, “Uma viagem do passado ao *futuro* com outras possibilidades de futuridade”, introduz-se a temática da análise: discutir a expressão do futuro, abordando a questão em uma perspectiva histórica. Para isso, apresentam-se as origens desse tempo verbal nas línguas humanas e as formas de expressão de futuridade em três fases históricas – latim, português arcaico e português contemporâneo – com direcionamento para as formas que vão ser analisadas: o futuro do presente, o presente do indicativo com valor de futuro do presente e as expressões perifrásticas marcadoras de futuridade.

A segunda seção, “Abrindo caminhos teóricos para análises dos dados”, aborda-se a à sistematização das teorias que apoiam as análises, dando base para explicações do fenômeno de variação em questão. Trata-se do uso da perspectiva teórica da Sociolinguística Quantitativa para esclarecer a variação das formas de futuro em Helvécia e Cinzento. São consideradas também duas hipóteses teóricas para explicar o processo de variação observado – a da perspectiva histórica da *deriva* e a do processo de TLI.

Na terceira seção, “Um passeio nos caminhos metodológicos rumo às descobertas do futuro”, apresenta-se a análise que segue a linha da teoria variacionista laboviana. Nela estão detalhados os dados relativos às comunidades, aos informantes, aos processos de coleta, análise e interpretação das ocorrências, assim como ao tratamento quantitativo dado a elas. Seguem detalhadas também as variáveis dependentes e independentes, distribuídas em grupos de fatores que serviram para analisar os condicionadores das variantes de futuro nos dialetos de Helvécia e Cinzento.

Na quarta seção, “As descobertas e as análises da viagem ao futuro: apresentação e interpretação dos dados”, por meio de um

tratamento quantitativo e qualitativo dado às ocorrências, faz-se um estudo sistemático das formas competidoras, examinando a distribuição e o uso das formas nos diferentes contextos, determinando quais são as variantes preferencialmente usadas em cada um e precisando também a natureza dos fatores que favorecem ou inibem sua seleção. Ou seja, procura-se dar uma sistematização às ocorrências encontradas nos *corpora*. Com isso, tenta-se obter elementos para concluir se o fenômeno estudado se caracteriza como apenas variação estável ou se se trata de uma mudança em progresso.

Com esta obra, espera-se que a observação dos usos das formas simples e perifrásticas do futuro nas duas comunidades citadas forneça mais elementos para o conhecimento do processo histórico do PB e para o entendimento de sua realidade linguística tão diversificada; e também que contribua para o estudo da estruturação gramatical dos dialetos rurais negro-brasileiros, em especial no universo da morfologia verbal. Ou seja, o estudo pretende oferecer elementos de análise linguística para o entendimento das particularidades do PB em geral, e do português/dialeto rural em particular.